

ORTEGA Y GASSET: A FILOSOFIA E A UNIVERSIDADE

ORTEGA Y GASSET: THE PHILOSOPHY AND THE UNIVERSITY

José Maurício de Carvalho¹

Mauro Sérgio de Carvalho Tomaz²

RESUMO:

Neste artigo examina-se o papel da Filosofia na Universidade de Cultura proposta por Ortega y Gasset em *Misión de la Universidad*. Essa Universidade é a resposta do filósofo para a crise de cultura que ele reconhece como resultado do tempo das massas em *La Rebelión de las masas*. Os dois textos foram produzidos na mesma época e segundo seus comentaristas contemporâneos não podem ser dissociados. Sendo assim procuramos indicar de que modo a Filosofia construída não para especialistas, que tem seu espaço na Universidade de Cultura, se converte numa síntese que torna culto o estudante que a frequenta. Ela deve propiciar a construção de uma vida autêntica pelo estímulo a excelência na vida pessoal. Precisa ainda ampliar os horizontes do profissional e o colocar na luta social pela ampliação dos limites do conhecimento e da tecnologia.

PALAVRAS CHAVE: Filosofia; Universidade; Cultura; Ortega y Gasset; Educação.

ABSTRACT:

This paper tests the role of the Philosophy at the University of Culture proposed by Ortega Y Gasset on Mision de la Universidad. This University is the philosopher's answer to the culture crisis which he recognizes as a result of the time of the common people on the essay La Rebellion de las Masas. Both texts were produced at the same time and according to his contemporary commentators they can not be set apart. Therefore we try to indicate how the Philosophy built not for specialists whom have their place at the University of Culture, tranforms into a synthesis that turns intellectual the student whom attends it. It has to provide the foundation of am authentic life to stimulate the excellence at the personal life. It still needs to increase the professionals' horizons and place at the social life by increasing the limits of the knowledege and the technology.

KEYWORDS: Philosophy; University; Culture; Ortega y Gasset; Education.

01 – CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Missión de la universidad é uma obra sobre a *Universidade* e seu papel social no século XX. Escrito dos anos 30 do século passado, o livro não se afasta das preocupações de Ortega com as dificuldades da sociedade europeia de então. Os seus comentaristas insistem que não se pode descontextualizá-lo, isto é, deixar

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Gama Filho, mestre em Filosofia e graduado em Pedagogia, Filosofia e Psicologia pela Universidade Federal de São João Del Rei. Professor aposentado da Universidade Federal de São João Del Rei e professor do Instituto de Ensino Superior Presidente Tancredo de Almeida Neves. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/0631305118814377>.

² Graduando em Filosofia pela Universidade Federal de São João Del Rei, com bolsa de iniciação científica. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1337932858013841>.

| | | |
|---|--|------------------------------|
| Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo | Número XI Jan-jun 2015 | Trabalho 02 Páginas 19-38 |
| http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura | periodicoscesg@gmail.com | |

de observar a conexão com a crise de cultura decorrente do modo como o filósofo entende os problemas de seu tempo.³ José Emílio Esteban Enguita afirma em *Idea y reforma de la Universidad: José Ortega y Gasset, Manuel García Morente y Jaime Benítez*, que (2015):

em 1930 vem a luz *La rebelión de las masas*. Que no mesmo ano se publique uma das obras mais controversas de Ortega e que ele pronuncie uma conferência, imediatamente ampliada e publicada em *El Sol* em sete entregas, sobre uma *Idea de Universidad* que poderia converter-se em princípio diretor de uma reforma universitária, não é mera coincidência cronológica, pois ambos os textos estão intimamente relacionados. De fato, ambos têm como pano de fundo a crise cultural e social que padecia não só a Espanha, mas a Europa de seu tempo (p. 137).

Dito de outro modo, o filósofo espera com o livro enfrentar a crise da cultura que nasce com uma nova forma de barbárie examinada em *La rebelión de las masas*: a barbárie da especialização descontextualizada. Esta forma de barbárie decorre do despreparo de técnicos e profissionais de diferentes áreas. Ela se manifesta quando esses técnicos tentam elaborar uma compreensão ampla da realidade para acomodar os dados de que dispõem em sua investigação sem terem tido noções de Filosofia. O resultado é uma pobre sistematização e Ortega y Gasset a apresenta como característica da sociedade de massas. Nela muitos têm acesso ao ensino profissional e se julgam capazes de elaborar compreensões gerais do mundo a partir dessa limitada formação. A construção dessa síntese sobre a realidade exige preparação adequada. Sem ela o resultado é quase sempre uma pobre filosofia.⁴ A questão foi assim apresentada em *Universidad e vida auténtica segundo Ortega y Gasset* (2014): "A proximidade entre os assuntos revela que o

³ Margarida Amoedo no artigo *El papel de la Universidad contra la barbarie. Pensar con Ortega, setenta años después*, diz que (2001): "a concepção orteguiana de Universidad e dos indivíduos que a esta cabe formar (concepção especialmente sistematizada em *Misión de la Universidad*), provém, em grande medida, da necessidade de superar os desequilíbrios do especialismo (denunciado em particular em *La Rebelión de las Masas*)." (p. 111/2) Ela também aponta o papel da Universidad de combater as "diversas formas de barbárie que via esboçar-se no horizonte mais alargado da Europa" (ibid.)

⁴ Karl Jaspers comenta esse fato no primeiro capítulo de sua *Iniciação Filosófica* onde afirma (1987): "em assuntos filosóficos quase todos se consideram competentes. Enquanto se reconhece que para a compreensão das ciências é necessária uma aprendizagem, uma disciplina e um método, em relação à Filosofia todos se arrogam no direito de levantar a voz sem mais e dar uma opinião. Julga-se condição suficiente a própria condição humana, o destino e a experiências próprias" (p. 10). O próprio Jaspers reconhece a importância do acesso de todos à Filosofia, mas isso não significa que se possa fazê-lo sem o preparo devido.

programa de reforma universitária tinha a pretensão de combater os males advindos da sociedade de massas que se generalizava no ocidente" (p. 231).

Na avaliação de Ortega y Gasset, o homem massa é uma figura histórica com características precisas. E quais são suas características, além de bárbaro especialista, isto é, quem sabe muito de quase nada e nada de todo o resto? Primeiro se deve advertir que esta nova barbárie não decorre da inevitável necessidade de especialização na aprendizagem e prática da ciência, ela expressa a fragmentação do homem europeu naquele momento histórico. Quanto às outras características Ortega esclarece que o homem massa se parece a um senhorio satisfeito, isto é, ele pouco se ocupa em melhorar a herança cultural que recebeu e se comporta como uma criança mimada, pois julga que tudo o que encontra no mundo está aí para servi-lo, ele não aceita ser contrariado. Conforme diz Ortega em *La rebelión de las masas* é um homem que vive (1994): "a livre expansão de seus desejos vitais, portanto, de sua pessoa, e da radical ingratidão para quanto tornou possível a facilidade de sua existência" (p. 178).

No artigo *Universidade e vida autêntica segundo Ortega y Gasset* (2014) também se diz que a reforma da *Universidad* pretendia transformar esse homem massa, o personagem histórico de então, num sujeito capaz de levar uma vida propriamente humana, isto é, uma vida comprometida com a excelência. Explicava-se que o livro era um programa para "vencer a crise de civilização que exigia a superação do tipo de homem que então emergia na história, o que se faria renovando o processo cultural e a educação" (id, p. 234).

No livro *José Ortega y Gasset, a aventura filosófica da educação*, Margarida Amoedo reproduz o testemunho de notáveis herdeiros intelectuais de Ortega y Gasset. Todos comentam a capacidade do mestre como professor de Metafísica na Universidade de Madri. Nestes testemunhos observa-se a proximidade entre a filosofia orteguiana e o projeto educativo de *Missión de la Universidad*. Resume Margarida Amoedo esses testemunhos do seguinte modo (2002): "a situação em apreço, (...), atesta aquela relação estreita entre a Filosofia e a Educação, em especial entre o filosofar e o ensinar que podemos defender com a máxima segurança da fundamentação histórica" (p. 552).

| | | |
|---|---------------------------|------------------------------|
| Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo | Número XI Jan-jun 2015 | Trabalho 02 Páginas 19-38 |
| http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura | periodicoscesg@gmail.com | |

Os testemunhos acima resumidos indicam que a Filosofia possuía, para o filósofo, importância na Universidade reformada para enfrentar a crise de cultura que nasceu com a sociedade de massas. O problema é entender como isso seria possível. Garcia Morente aponta um caminho ao dizer que a filosofia orteguiana (2002): "representa nada menos que a incorporação do pensamento espanhol na Universidade de Cultura" (p. 476). As palavras de Morente têm sentido quando lembramos o que Ortega escreveu em *Misión de la Universidad* (1994): "Eu faria de uma Faculdade de Cultura o núcleo da Universidade e de todo o ensino superior" (p. 344). E mais adiante, quando comenta o que a Universidade deve ser, Ortega aponta o desafio de superar os limites do homem massa, transformando-o num homem culto. "Se entenderá por Universidade *stricto sensu* a instituição em que se ensina o estudante médio a ser um homem culto e um bom profissional" (id. p. 349).

O que se disse mostra que o esperado da Universidade é muito, pois o bárbaro especialista, criança mimada e senhorio satisfeito, conforme lembra Felipe Ledesma está (2001) "acomodado em sua segurança porque não se preocupa de onde vem essa segurança" (p. 134). O resultado desta acomodação sabe-se bem qual é, um homem que não pensa por si mesmo, que não constrói nem desenvolve referências sobre a realidade, "esquecido de si mesmo, sem se empenhar em realizar a própria vocação, o homem se torna um autômato" (CARVALHO e BESSA, 2012, p. 106).

Se a hermenêutica atual reconhece que o propósito de *Missón de la Universidad* é superar a crise de cultura da sociedade de massas pela ação cultural da *Universidad*, então podemos procurar entender como a Filosofia entra neste processo de formação humana, ficando a missão de explicitar o que o filósofo pretendia já que, como recorda José Carlos Rothen em *A Universidad e a sua missão segundo Ortega y Gasset* "o governo das massas seria a causa dos grandes problemas sociais, pois elas não participam da cultura" (p. 67).

| | | |
|---|---------------------------|------------------------------|
| Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo | Número XI Jan-jun 2015 | Trabalho 02 Páginas 19-38 |
| http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura | periodicoscesg@gmail.com | |

02 – O TEMPO DAS MASSAS E A CRISE DA CULTURA

Antes de tratarmos de *Misión de la Universidad* e da Filosofia nela vamos explicar melhor a crise de cultura que o livro pretende enfrentar. Para entender o papel da Filosofia na *Universidad* de cultura é preciso entender o significado de preparar minorias para liderança histórica, liderança que as massas assumiram quando se tornaram protagonistas do processo histórico, o que o filósofo faz no livro *La rebelión de las masas*. Ortega y Gasset começa o livro mencionando este protagonismo nos dias que viveu (1994): "Há um fato que, para o bem ou para o mal, é o mais importante da vida pública europeia na hora presente. Este fato é o advento das massas ao pleno poderio social" (p. 143). Portanto, a Universidade de Cultura era uma resposta para essa crise europeia, que tinha além de elementos intelectuais, aspectos morais como dito em *O século XX em El Espectador de Ortega y Gasset: a crise como desvio moral* (2010): "o homem massa é uma anomalia, uma aberração moral" (p. 15). E o homem massa era um problema moral porque, explicou o filósofo num ensaio de 1934 intitulado *Revés de Almanaque*, (1998): "a massa se nega a ser dirigida por crer que ela basta a si mesma, mas (...) a massa não se dirige, senão gravita para onde a leva seu peso bruto" (p. 722).

O tema proposto por Ortega y Gasset em *La rebelión de las masas* já estava delineado em *España Invertebrada* (1921). Entretanto, *La rebelión de las masas* não é somente uma revisão ou ampliação de conceitos da primeira, mas o entendimento de que o fenômeno anteriormente visto como espanhol era um problema de maior complexidade e promotor de uma crise de cultura.

Ortega inicia o livro valendo-se da estatística do matemático Werner Sombart para apresentar o fenômeno das massas (1994): "de 1800 a 1914 – por tanto, em pouco mais de um século – a população europeia ascende de 180 a 460 milhões!" (Id., p. 402). Ao analisar esse espetacular incremento demográfico, Ortega reflete sobre outras mudanças importantes como a subida do nível econômico e o desenvolvimento histórico. Isto levará à conclusão estapafúrdia do século XIX acreditar-se o ápice da civilização humana, o que contribuiu para a crise verificada no século XX.

| | | |
|---|---------------------------|------------------------------|
| Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo | Número XI Jan-jun 2015 | Trabalho 02 Páginas 19-38 |
| http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura | periodicoscesg@gmail.com | |

A crise tem como protagonista o “homem-massa” (Id., p. 405). Este tipo singular de ser humano tem um perfil psicológico específico. A primeira das suas características, já mencionada no item anterior, é o de comportar-se como criança mimada. Ortega explica que “mimar é não limitar os desejos e dar impressão a um ser que tudo lhe está permitido e a nada está obrigado” (Id., p. 408). Dessa forma, o homem massa, como está em *Totalitarismo e ética em Ortega y Gasset* (2012): “não se preocupa em melhorar a cultura (...) não percebe que as comodidades que encontra para viver não nasceram senão do esforço e trabalho dedicado de seus antepassados” (p. 118).

Por agir assim, o homem-massa é tido como um ente primitivo. Ele é um “invasor vertical” (p. 427) da sociedade, um senhorio satisfeito. Isso quer dizer que ele invade a civilização sem se preocupar em conhecê-la e à sua história, gozando dos benefícios que ela lhe oferece, sem se esforçar para preservá-los ou aprimorá-los.⁵ 3 Ignora o passado. Droguett mostra como isso se converte, para Ortega, numa falha moral (2002): "Para Ortega, a cultura moderna ficou sem moral, não no sentido de que o ser humano massa menospreza uma moral antiquada em benefício de uma nova moral, mas que o centro de seu regime vital consiste (...) na aspiração de viver sem submeter-se à moral nenhuma" (p. 63). É dessa falha moral de formação que nasce a chamada barbárie do especialismo. Ele não se empenha verdadeiramente, faz sempre o menor esforço. Com isso, o filósofo quer dizer que esse tipo de homem não é nem sábio, nem ignorante, mas um técnico: ele sabe cada vez mais de cada vez menos, mas se comporta como se fosse um sábio.

Mencionamos de *La rebelión de las masas* a referência ao “senhorio satisfeito” (Id., p. 435), mas o que faz o senhorio satisfeito além de se esforçar pouco? Além de não se empenhar para melhorar o mundo, ele não reconhece o esforço de outrem.⁶ Acredita-se sempre em casa, como o filho de família importante

⁵ Charles Cascalés comenta em seu livro *L'Humanisme d'Ortega y Gasset* a consequência da acomodação do homem massa do seguinte modo (1957): "Desse sentimento de facilidade geral procede o absurdo estado de espírito que os caracteriza: nada os preocupa mais que seu bem viver, mas eles cortaram toda ligação de solidariedade com as causas desse bem estar" (p. 146).

⁶ Maria Isabel Lavedán escreve em *La docilidad de las masas en la teoría social de Ortega y Gasset* que o não reconhecimento do papel de liderança das minorias era uma das causas da crise histórica, pois "toda sociedade que se examine está estruturada por uma massa que sabe aceitar o influxo da minoria" (p. 224).

que nada teme por saber-se impune, não reconhecerá hierarquia de homens e valores, não reconhece o esforço de ninguém e não toma contato com seu destino.

Na concepção orteguiana, viver como um homem massa é não levar uma vida autenticamente humana, significa não entender as dimensões presentes na vida.

03 – MISSÃO DA UNIVERSIDADE

No ensaio *Misión de la Universidad*, Ortega examina a missão da instituição, relacionando-a a crise da cultura do seu tempo. A crise, como dito no item anterior, tinha origem no predomínio das massas no cenário social.

Misión de la Universidad contém cinco capítulos, os dois primeiros tratam, respectivamente, do problema fundamental que envolve a Universidade e a aplicação do princípio da economia ao ensino. Considerando o limite do estudante para aprender, o desafio da Universidade, para Ortega, é oferecer um conteúdo compatível com o limite do estudante. Explicado isso, Ortega estabelece as tarefas básicas da instituição em ordem hierárquica: a) transmissão de cultura, b) a oferta do ensino profissional e c) a pesquisa científica.

Nos dois capítulos subsequentes, Ortega distingue profissão de ciência e ciência de cultura. Finalmente, no último capítulo, dedica-se a explicar o papel indispensável da ciência na Universidade e o papel da Universidade na sociedade. Para Margarida Amoedo, conforme dito em *El papel de la Universidad contra la barbarie*, a chave de compreensão do ensaio é (2001), “a cultura que, como sistema de ideias e convicções que travam o viver humano, constituía o objetivo preponderante da Universidade medieval” (p. 113, grifos no original), mas que esse conhecimento passa a assumir – e esse é o problema identificado por Ortega na crise – um lugar de conhecimento ornamental na Universidade de seu tempo.

Ao final do livro, Ortega estabelece a missão da Universidade da seguinte maneira: a) a instituição universitária deve permitir ao estudante tornar-se culto e bom profissional, o que significa que o preparará para viver à altura de seu tempo, b) a Universidade exigirá dele apenas aquilo que é razoável exigir, ou seja, eliminará de seus usos qualquer tipo de falsidade institucional e individual, c) o resultado será

| | | |
|---|---------------------------|------------------------------|
| Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo | Número XI Jan-jun 2015 | Trabalho 02 Páginas 19-38 |
| http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura | periodicoscesg@gmail.com | |

a eliminação da pesquisa científica da formação básica do profissional, já que o autor entende que ser cientista requer uma vocação especialíssima encontrada em pouquíssimos estudantes. Dessa maneira, a confusão entre transmissão de cultura e ensino profissional, de um lado, e a pesquisa científica, de outro, traz consequências nocivas para ambos os lados. Para isso, d) é preciso que tanto a preparação cultural quanto à profissional do estudante considerem as limitações dos estudantes e dos professores, e) os docentes devem ser escolhidos por seu talento no magistério e não por seu currículo de pesquisador. Dessa forma, f) a Universidade estará pronta para fazer exigências exatas a seus estudantes.

Dentre as três tarefas básicas que Ortega y Gasset aponta como missão da Universidade, ele destaca a transmissão de cultura. Neste ensaio, ele a divide no que chama de “grandes disciplinas culturais” (ORTEGA Y GASSET, 1994, p. 335), que, parafraseando, são: a) a imagem física do mundo (Física), b) os temas fundamentais da vida orgânica (Biologia), c) o processo histórico da espécie humana (História), d) a estrutura e funcionamento da vida social (Sociologia) e e) o plano do Universo (Filosofia). Os nomes das disciplinas são colocados entre parênteses, pois referem-se às ciências, enquanto a descrição remete ao uso que dela é feito. Ortega acredita que há diferença, por exemplo, entre ser médico e ser fisiólogo. Este último, enquanto cientista, trabalha com problemas, aquele, enquanto profissional, ao contrário, busca soluções, podendo ou não depender do trabalho do fisiólogo.

Em relação ao papel da Filosofia na Universidade, Ortega só se refere a ela ao tratar das grandes disciplinas culturais. Isso significa que ele insere o conteúdo da Filosofia na grande disciplina cultural denominada “plano do Universo”. A diferença entre elas é a mesma que a apresentada no exemplo acima entre o médico e o fisiólogo. Dessa maneira, quando Ortega se refere ao “plano do Universo” está tratando da Filosofia como um conhecimento que deve ser oferecido de “forma pedagogicamente racionalizada” (Id, p. 349), ou seja, “sintética, sistematizada e completa” (Ibid), como igualmente devem ser apresentados a Física, a Biologia, a História e a Sociologia. Isso significa que a pesquisa filosófica deve se restringir aos especialistas.

A pesquisa filosófica – e essa é a proposta de Ortega também para as demais ciências mencionadas – deve estar na Universidade em campos próprios,

| | | |
|---|---------------------------|------------------------------|
| Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo | Número XI Jan-jun 2015 | Trabalho 02 Páginas 19-38 |
| http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura | periodicoscesg@gmail.com | |

não por ser menos importante, mas porque as pessoas que devem dela se ocupar – os especialistas – são pouquíssimos, são homens de vocação especialíssima. Em contrapartida, o foco universitário deve ser o estudante comum, o homem-médio que receberá o resumo necessário na descrição do plano do universo. Ele esclarece: “o que não é admissível é que se confunda o centro da Universidade com esta zona circular das investigações que deve rodeá-la” (Id, p. 351).⁷ A justificativa pode ser encontrada em Salman. A pesquisa filosófica deve abordar o pensamento filosófico em seus pontos básicos (1973): “especulativo e sistemático; dirigido pela meditação dos grandes autores do passado e alimentando-se com as contribuições das investigações em outros domínios do pensamento” (p. 28).

Na pesquisa filosófica mesma, conduzida por especialistas, se produzirá, afirma Ortega em *Misión de la Universidad*: “o húmus onde o ensino superior tenha fincadas suas raízes vorazes” (Id., p. 351), pois “a Universidade é distinta, mas inseparável da ciência” (Ibid, grifos no original). Lembra Ortega que “precisamente porque esta não é, por si mesma, ciência (...) tem que viver dela (Ibid, grifos no original) e que “essa atmosfera carregada de entusiasmo e esforços científicos é o suposto radical para a existência da Universidade (Ibid, grifos no original). Portanto, a ideia de uma espécie de suspensão da Filosofia enquanto saber científico só faz sentido quando se estabelece a prática mais básica da Universidade. Fora isso, ela, e as demais ciências, compõem “a alma da Universidade, o princípio mesmo que lhe nutre a vida e impede que seja só um vil mecanismo” (Id., p. 351 – 352). Percebemos que o fato de Ortega relegar a ciência para campos que margeiam a Faculdade de Cultura proposta por ele, não demonstrar um desprezo pela ciência, mas um profundo apreço.

São nestes campos próprios de fecundação e gestação científica que a Universidade deve estar preparada para exercer sua responsabilidade social. Comenta Amoedo a missão da Universidade orteguiana (2001): “(...) preparação para mandar, quer dizer, para dirigir uma vida autêntica, tanto em domínio privado,

⁷ Ortega, no epílogo de História da Filosofia de Julian Marías, adverte que desde o início do século XIX, a Filosofia, ou seja, o plano do universo como ele reconhece em *Misión de la Universidad*, tem progressivamente deixado de fazer parte da cultura geral, embora permaneça presente em reduzidos grupos sociais.

como no público” (p. 114, grifos no original) é um^{8a} das garantias de sua tarefa essencial como transmissora de cultura.

04 – A FILOSOFIA NA UNIVERSIDADE

Uma forma de considerar a questão seria identificar as repercussões da obra de Ortega em discípulos envolvidos em reformas universitárias como García Morente, na Faculdade de Filosofia da Universidade de Madri e Jaime Benítez, outro de seus discípulos, na Universidade de Porto Rico. Não seguiremos por essa via porque uma pesquisa histórica sobre os meandros e desenvolvimento dessas instituições exigiria outro percurso investigativo. Sobre essa realidade, Amoedo descreve a experiência da Faculdade de Filosofia de Madri, onde Morente pode contar com colaboradores e discípulos de Ortega como Xavier Zubiri e José Gaos. Escreve (2002): "Com esse núcleo inicial de pessoas comungando da mesma orientação doutrinal estava preenchido o requisito mínimo para ser possível falar de uma escola" (p. 548). Ela completa logo adiante: "Pelo que inspirava, a doutrina orteguiana mostrava em pleno, no período em que a reforma fortalecia raízes e lançava os primeiros frutos, as suas potencialidades filosófico-pedagógicas" (ibid).⁹ O que inclui a atuação política de Ortega nos anos 30, quando o filósofo foi eleito deputado, preocupado com a renovação da vida espanhola.¹⁰

Vamos nos concentrar na importância da Filosofia na Faculdade de Cultura pensada por Ortega y Gasset. Estaria nela, e em alguns outros conteúdos, a tarefa de transmitir o conhecimento mínimo necessário para os homens do seu tempo superarem a incultura das massas, segundo observa José Enguita (2015): "Assim, a transmissão da cultura alcançada em seu tempo, a acolhida e tutela da

⁸ O empenho de renovação da Universidade resulta, diz Rockwell Gray, de uma desilusão do autor com a cultura europeia (1994): "é que *La rebelión de las masas* reflete a desilusão do seu autor ante a cultura europeia do momento" (p. 215).

⁹ Margarida Amoedo no livro *José Ortega y Gasset, a aventura filosófica da educação* relata que a experiência de Universidade de Cultura conduzida por Ortega e Morente na Universidade de Madri foram tão positivas que inspiraram o Conselho de Instrução Pública a promover uma reforma universitária com base nessas ideias. E comenta que (2002): "Morente, Ortega e os seus colegas viram frutificar em pouco tempo o seu trabalho de reflexão, de programação e de execução" (p. 554)

¹⁰ Sobre a atuação de Ortega na política e do que esperava para a Espanha, ler *Estado e Nação no pensamento de Ortega y Gasset*, publicado na Revista Estudos Filosóficos da UFSJ, 6, 2011, 124-142, ISSN 1982-9124.

| | | |
|---|---------------------------|------------------------------|
| Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo | Número XI Jan-jun 2015 | Trabalho 02 Páginas 19-38 |
| http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura | periodicoscesg@gmail.com | |

vida toda do estudante é uma das funções imprescindíveis da nova Faculdade de Filosofia e Letras" (p. 141).

A cultura ensinada nesta *Universidade* não impede o ensino da ciência em sintonia com a técnica, como tem sido feito desde o princípio da modernidade e não é repetição do funcionamento ou do papel desempenhado pela *Universidade* humanista e cristã da Idade Média. O desafio da *Universidade* orteguiana é assegurar a profissionalização do estudante, não deixar de fazer investigação científica, mas fazer ambas as coisas sem deixar de transmitir cultura. Não custa lembrar como a Universidade europeia se tornou uma referência importante da cultura. Detalha Salman que (1973):

Tal instituição não existiu sempre. Durante milênios, o pensamento refletido foi apanágio dos espíritos isolados, desprovidos do apoio da sociedade e cujos resultados muitas vezes se perderam por falta de uma instituição capaz de os conservar. Mais tarde, surgiram grupos especializados, cuja função era recolher os conhecimentos dos antigos e transmiti-los às gerações futuras (...) A Universidade é exatamente resultante desses desenvolvimentos. Nas fases primitivas do pensamento não importa para a investigação uma preparação diferente da que possuíam de modo geral os espíritos do seu meio. À medida que os conhecimentos se estendem e complicam, torna-se necessário um ensino que prepare de maneira específica para este tipo especial de atividade (p. 17/19).

E o que é este conhecimento de que deve se ocupar a Universidade para fazer o homem culto? Diz Ortega que é a síntese do conhecimento acumulado, dos valores e crenças que alimentam o homem de um tempo e dão sentido à sua vida tomada como fundamento.¹¹ São essas referências que dirigem o homem na existência que o salvam de perder-se na circunstância, quer circunstância se refira as condições sócio-políticas e econômicas, quer signifiquem apenas suas características íntimas ou pessoais. E salvá-lo significa colocá-lo na linha da excelência, que apenas é possível quando se é fiel ao que se é e ao que se faz, como diz Luís Araújo em *Ortega y Gasset; o perfil ético de uma filosofia* (s.d.):

¹¹ No quarto capítulo dedicado a Ortega y Gasset, no livro *Introdução à Filosofia Aplicada e Filosofia Clínica* explica-se o significado de entender a vida como princípio metafísico fundamental (2014): "A metafísica orteguiana toma a vida como fundamento da realidade. Isto é, aquele elemento estruturador do real que buscamos os filósofos desde a Grécia antiga. Ao considerá-la como tal, Ortega toma o viver como problema, ou melhor, como o problema de nossa existência" (p. 122). No capítulo também se recorda que no pequeno ensaio *Adán en el paraíso*, Ortega já estabelece esta base para sua investigação filosófica. Ali se diz: "Nele (no ensaio) explica o que significa tomar a vida como tarefa, isto é, como algo de que devemos nos ocupar" (ibid.).

Diante do silêncio das coisas que o rodeiam, todo ser humano sente, portanto, a necessidade de lhes encontrar um sentido e é pela cultura que encontrará o caminho certo para desvendar esse enigma. É a vida um problema donde brotam todos os atos do homem e consciente de ter de entender a soma infinita de relações que na sua circunstância despontam, é precisamente deste ponto de partida que irá se comunicar com a totalidade. A circunstância exige de cada indivíduo uma compreensão e um sentido e somente assumindo-a integralmente, cada ser humano cumprirá seu intransferível destino. (p. 57)

O que a citação acima sugere é que o homem, inseparável de sua circunstância, não pode deixar de levar adiante sua vida percorrendo um caminho só seu, ao mesmo tempo que aprende a se relacionar com o meio onde vive.¹² É o aspecto singular deste desafio para cada homem que se menciona em *Ortega y Gasset e a vida autêntica*. O que ali se diz é essencial para esclarecer o sentido da frase lapidar das *Meditaciones del Quijote* porque se (1997): "eu sou eu e minha circunstância e se não salvo ela não salvo também a mim" (p. 322) é preciso enxergar circunstância como sendo mais do que a realidade exterior, sócio-econômica e/ou política, para incluir a excelência como expressão do empenho e fidelidade a si, como se diz no artigo anteriormente mencionado (2014 - 2):

O problema da autenticidade aparece nas reflexões de Ortega y Gasset em torno a dois núcleos temáticos. O primeiro consiste numa espécie de fidelidade íntima às crenças e ao projeto vital que norteia a vida singular de cada homem (...). Ortega considera que este estar em si como aspecto essencial da vida humana, agir conscientemente para se manter fiel a si mesmo, não se confunde quanto ao que se acredita importante, mas ao contrário jogar luzes nas crenças, não se afastar do projeto, e sim resignificá-lo, aprofundá-lo, melhorá-lo, redefini-lo se necessário (p. 110)

¹² O exame metafísico do conceito de vida ultrapassaria o propósito desse artigo. Uma boa referência da profundidade do assunto pode ser comprovada no capítulo *La metafísica de Ortega* que Julián Marías escreveu no seu livro *Acerca de Ortega*. Ali diz (1991): "A vida não é, portanto, uma entidade que muda acidentalmente, mas, ao contrário, nela a substância é precisamente a mudança. Como a vida é um drama que acontece e o sujeito a que acontece não é uma coisa aparte e antes de seu drama, mas que é em função dele, quer dizer que a substância seria seu argumento. Porém se esta varia, quer dizer que a variação é substancial. A vida humana é, por conseguinte, a área em que a realidade como tal se constitui" (p. 30). Em *Filosofia da Cultura* também se comenta esta questão, mostrando a relação entre construir sentido e viver na circunstância (1999): "Ortega formulou dois princípios fundamentais para entender a historicidade do homem (...). O homem constantemente faz mundo, forja horizontes e toda mudança no mundo, do horizonte, traz consigo uma mudança na estrutura do drama pessoal" (p. 70)

| | | |
|---|---------------------------|------------------------------|
| Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo | Número XI Jan-jun 2015 | Trabalho 02 Páginas 19-38 |
| http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura | periodicoscesg@gmail.com | |

O referido na citação acima mostra que a vida possui uma irrecusável realidade metafísica que obriga o homem a viver de modo radical, sob pena de não falarmos de vida humana. Como se justifica em *História da Filosofia Contemporânea* a vida é para Ortega realidade metafísica (2014 - 3):

a reflexão metafísica tem por propósito saber o que são as coisas de modo radical. É da reflexão metafísica que surge a descrição da vida como processo especial da consciência que se apresenta com as três características listadas pelo filósofo: 1. A vida se inteira de si mesma, 2. a vida se faz a si mesma, 3. a vida se decide a si mesma (p. 118).

Portanto, se a filosofia surgiu e fenecerá em diferentes tempos históricos, como ele afirma em *La idea de principio en Leibniz y la evolución de la teoría deductiva* (1994): "nasceu em um dia e desaparecerá em outro" (p. 269), pelo menos no tempo em que viveu, Ortega não abre mão do produto da Filosofia como forma de situar o homem no mundo. E isso tem a ver com a capacidade da filosofia de sistematizar crenças fundamentais nas quais se vive.¹³

E inevitavelmente chegamos a seguinte pergunta: porque estudar Filosofia na Universidade? Por que nosso pensador a considera imprescindível? A resposta parece decorrer de a Universidade ser a instituição que melhor objetiva os valores de ensinar e pesquisar, que são base da civilização. Diz Ortega que a Filosofia não é a primeira coisa que o homem faz, suas crenças vêm antes, mas houve um momento em que ele usou a razão para organizar essas crenças. E foi quando a Filosofia nasceu. A Faculdade de Cultura precisava ganhar um novo formato para cumprir o objetivo que Ortega pretende: pensar a vida desde as crenças que se tinha. Afirma: "É vergonhoso que não exista uma descrição essencial da forma que tem a vida quando é existir desde as crenças". (id., p. 285) Tais considerações aproximam as preocupações de D. H. Salman com a barbárie da especialização de Ortega, bem como seu esforço por fazer veicular do pensamento filosófico não aquilo que somente seduziria o especialista, mas aquela (1973):

¹³ A relação entre crença e pensamento filosófico foi detalhada no Parágrafo 26 de *La idea de principio en Leibniz y la evolución de la teoría deductiva*. Ali escreve o filósofo: "Daqui que uma filosofia tem debaixo dos estrato de seus princípios patentes e ideomáticos outros latentes que não são ideomas manifestos na mente do autor, justamente porque são o autor mesmo como realidade vivente, porque são as crenças em que está, em que é, vive e se move, como os cristãos em Cristo, segundo São Paulo" (p. 259).

"sabedoria capaz de integrar sinopticamente o conjunto de conhecimentos humanos". (p. 22)

A tarefa da Filosofia de pensar a vida compõe um mosaico mais ou menos interessante, conforme seja expressão ou não da autenticidade.¹⁴ O que é notável em *Missión de la Universidad* é que o filósofo ensina que a Universidade precisa ajudar a pessoa a desenvolver essa responsabilidade consigo mesmo que é condição para a vida autêntica. É o que lembra José Enguita no artigo já mencionado (2015):

Atendendo a esta necessidade de categoria superior, as matérias cujo ensino estaria sob a responsabilidade dos professores pertencentes à Faculdade de Cultura, seriam cinco: Física, Biologia, História, Sociologia e Filosofia. O sentido do elenco das disciplinas culturais não é difícil de captar: conhecimentos básicos em materiais naturais e sociais, acompanhados pelo imprescindível conhecimento dos rudimentos do processo histórico da espécie humana, enraizados todos eles na perspectiva mais ampla e integradora fornece a Filosofia, dado que remete ao plano do universo. No projeto de uma Faculdade de Cultura se encontra o coração da reforma da Universidade, que sempre há de olhar a sociedade e as crises em que ela está imersa" (p. 146).

E o que a Filosofia oferecia ao homem daqueles dias como saber imprescindível sobre o universo, já que o homem massa ou o ignora completamente ou tem dele um saber insuficiente? Afirma o pensador que é o entendimento de que há duas verdades básicas, conforme explica no capítulo IX de *Qué es Filosofía?* (1997): "não há uma verdade primeira sobre o universo, senão duas igualmente e inseparavelmente originárias: uma reza, existe o pensamento e a outra diz, muitas coisas são pensadas por mim" (p. 403). Mais adiante conclui sobre esse modo de entender o dado fundamental do universo (1997): "ao buscar com todo rigor e exacerbando a dúvida sobre qual é o dado radical do universo, me encontro com um fato primário e fundamental que se põe e assegura a si mesmo. Este fato é a existência conjunta de um eu ou subjetividade e seu mundo" (ibid). Ao tematizar a vida como contribuição fundamental da Filosofia para o homem culto do seu tempo, Ortega coloca a meditação espanhola na linha de frente da Filosofia europeia, dando

¹⁴ O significado de pensar a vida como tema filosófico, aparece na síntese que Regina e Rosilene Pereira fizeram do pensamento orteguiano em *Aquiles Cortes Guimarães e os fundamentos da filosofia e da fenomenologia jurídica* (2015): "Para Ortega y Gasset, a única realidade radical é a vida que se constitui em fonte de razão. Entretanto, ele pretendeu desconstruir a razão filosófica e construir a razão cultural. O ser não é em si, mas em conformidade com a realidade. Razão é algo que se constrói na cultura" (p. 88).

origem à Escola de Madrid.¹⁵ E o filósofo esclarece qual é esse problema fundamental que a filosofia espanhola oferece ao homem do seu tempo e o modo de abordá-lo:

O problema fundamental da filosofia é definir esse modo de ser, essa realidade primária que chamamos nossa vida. Ora, viver é o que ninguém pode fazer por mim – a vida é intransferível – não é um conceito abstrato, é meu eu individualíssimo. Pela primeira vez a filosofia parte de alguma coisa que não é uma abstração (id., p. 405).

A Filosofia possui, portanto, um papel importante na vida de quem se coloca sobre seu influxo, ela fornece um mais profundo conhecimento da realidade, ajudando quem a recebe a viver melhor, mesmo não sendo especialista. Ela fornece uma bem fundada visão da realidade. Apresentamos este papel que Ortega atribui à Filosofia do seguinte modo em *Introdução à filosofia da razão vital de Ortega y Gasset* (2002):

O homem, objeto de seu pensar, desponta como agente responsável pela realidade em que vive e a filosofia é apresentada como uma maravilhosa criação do pensamento para melhor viver. Ela proporciona um mergulho nas raízes fundas do mundo da natureza e do próprio homem. Qual a característica dessa atividade? A de se um permanente fazer, uma atividade contínua. (p. 101)

Logo, mesmo sem fazer investigação filosófica como os especialistas, o homem culto de nossos dias é aquele que encontra na síntese que a Filosofia faz do que é a vida, um estímulo para viver na excelência e mudar nossa presença no mundo, conforme diz o filósofo em *Pidiendo un Goethe desde dentro* (1994): "Em vez de nos pormos a contemplar nosso interior, saiamos fora. A vida é precisamente um inexorável fora, um incessante sair de si até o universo" (p. 426).

Parece importante indicar as razões da vida humana exigir tal empenho. Explica então o filósofo: "a vida humana é precisamente luta, o esforço, sempre mais

¹⁵ A Escola de Madrid, esclarece Julián Marías em sua *História da Filosofia* era formada por aqueles pensadores cuja influência da meditação orteguiana foi mais direta (2004): "especialmente os que se formaram a sua volta na Universidade de Madri, ou os que, na ausência dessa circunstância, receberam de Ortega certos princípios e métodos de pensamento" (p. 515). Entre os de maior destaque estão: Manuel García Morente, Xavier Zubiri, José Gaos, José Ferrater Mora e o próprio Julián Marías. O legado desses discípulos de Ortega para o campo moral, além dos de María Zambrano, Aranguren, António Rodríguez Huéscar, Recaséns Siches foi examinado por Arlindo Gonçalves Júnior em *Filosofia moral contemporânea; a contribuição dos herdeiros de Ortega*. Para o presente artigo importa a observação do autor: "o principal marco institucional que possibilita a articulação desse grupo vem da reforma do ensino universitário ocorrida na Segunda República" (p. 8).

ou menos fracassado, de ser si mesmo" (ibid). Margarida Amoedo lembra que Ortega associa a descrença e a crise daqueles dias à incapacidade de a *Universidade* oferecer uma síntese da cultura existente e entende que isso levou (2002): "a perda de reconhecimento social por parte da Universidade" (p. 556).

Se em outros tempos foram outros temas que mobilizaram o homem culto, a racionalidade na antiga Grécia, por exemplo, entender o que a vida é deve mobilizar a intelectualidade contemporânea. O motivo é que a vida tem preponderância sobre a razão. Diz Ortega em *El tema de nuestro tiempo* que o desafio de seus contemporâneos era colocar a vida no centro da cultura, já que a Universidade é um órgão promotor da cultura (1994): "O tema de nosso tempo consiste em submeter a razão à vitalidade, localizá-la dentro do biológico, sujeitá-la ao espontâneo. Dentro de poucos anos parecerá absurdo que se tenha exigido da vida colocar-se a serviço da cultura" (p. 178). Era, portanto, para o filósofo "a missão das atuais gerações fazer um enérgico ensaio de ordenar o mundo do ponto de vista da vida" (p. 179), para o que parece imprescindível compreender os aspectos fundamentais da filosofia da vida. Este empenho em pensar a vida como o pano de fundo da aprendizagem profissional, permite a Margarida Amoedo comentar o ensaio *Reforma da Universidade* repondo a tarefa da Instituição (2002): "O autor sintetiza nele a sua meditação sobre o caráter acima de tudo teórico, contemplativo e sereno porque não utilitário da inteligência, ao mesmo tempo que contrapõe ao grande pecado da fracassada tentativa moderna de que as ideias senhoreassem a vida" (p. 560). Sobre a Universidade de Cultura de Ortega, Margarida Padorno considera tratar-se de proposta ainda atual. Afirma em *Misión de la Universidad al servicio de la necesidad pública* tratar-se da (2001): "verdadeira reforma aplicável ainda hoje sem que haja perdido atualidade e sobre cujo texto deveriam refletir os legisladores de leis educativas em todo o mundo" (p. 194).

O que se entende do projeto da Universidade de Cultura é que nela está o esforço do filósofo para mostrar como viver melhor em meio aos desafios de seu tempo. E para tanto era importante o papel que a Filosofia desempenhava na investigação sobre a realidade e seus fundamentos.

| | | |
|---|---------------------------|------------------------------|
| Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo | Número XI Jan-jun 2015 | Trabalho 02 Páginas 19-38 |
| http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura | periodicoscesg@gmail.com | |

05 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao examinar a crise de seu tempo, Ortega y Gasset propõe como resposta para ela a Universidade de Cultura. Se a crise vinha da incultura generalizada, a resposta estava na Universidade. A Instituição tinha o desafio de formar um tipo de homem diferente do que então se generalizava: o homem massa. Esse homem é o especialista ignorante, que se comporta como criança mimada, não aceitando ser contrariado e como senhorio satisfeito, isto é, sem se comprometer com a excelência ou esforçar-se para fazer um mundo melhor. Ao mesmo tempo que ser uma alternativa ao homem massa, a Universidade, para Ortega, precisa fazer mais do que formar profissionais e produzir ciência. Nela a Filosofia seria desenvolvida por especialistas, mas transmitida a partir da compreensão de mundo possível fornecido pela vida em circunstância. Esse fato exigirá que a Filosofia desenvolva nova forma de atuação e veiculação, pois seus professores precisarão estabelecer um diálogo contínuo e profundo com os cientistas das diferentes áreas.

Em *Misión de la Universidad* encontramos a ideia de uma Universidade de cultura que, além da formação profissional, oferece uma espécie de saber geral coincidente com a soma do que se sabe num dado tempo. Esse conhecimento da realidade permitirá ao estudante um saber amplo e o preparará para olhar criticamente a barbárie da especialização, essa nova forma de incultura fruto da insuficiente formação oferecida pelas Instituições de ensino.

O conhecimento amplo e crítico da Universidade de Cultura orteguiana fornece um saber fundamental e crítico do Universo. Tal conhecimento é diferente da síntese da ciência fornecida pelo positivismo, ele se baseia em duas verdades básicas: do eu que pensa e do mundo pensado. Veicular essa nova forma de tratar a realidade parece a nosso filósofo fundamental para construir uma alternativa às crenças perdidas: as visões positivista e idealista de mundo, suas utopias e crença no progresso da história. Esse entendimento amplo e crítico permitirá compreender melhor a realidade, porque fornece uma nova chave hermenêutica para entender o mundo. Cada pessoa vai entendê-lo de um modo em razão do que pensa e da circunstância em que vive. Além disso, essa compreensão permite pensar o papel

| | | |
|---|---------------------------|------------------------------|
| Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo | Número XI Jan-jun 2015 | Trabalho 02 Páginas 19-38 |
| http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura | periodicoscesg@gmail.com | |

singular que cada um tem no mundo, da fidelidade a esse papel e do esforço necessário para viver melhor e tornar melhor o mundo.

06 – REFERÊNCIAS

AMOEDO, Margarida Isaura Almeida. *El papel de la Universidad contra la barbarie. Pensar con Ortega, setenta años después*. Revista de Estudios Orteguianos. Madrid: Fundación Ortega y Gasset, n. 2, 2001.

_____. *José Ortega y Gasset, a aventura filosófica da educação*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2002.

ARAÚJO, Luís de. *Ortega y Gasset; perfil ético de uma Filosofia*. In: ARAÚJO, Luis de. *Sentido Existencial da Filosofia*. Porto: Rés editora, s.d.

CARVALHO, José Maurício de. *Filosofia da Cultura*. Porto Alegre: Edipucrs, 1999.

_____. *História da Filosofia Contemporânea*. São João del-Rei: NEAD/UFSJ, 2014 (3).

_____. *Introdução à filosofia da razão vital de Ortega y Gasset*. Londrina: Cefil, 2002.

_____. *O século XX em El Espectador de Ortega y Gasset: a crise como desvio moral*. Argumentos. Fortaleza, UFC, 2 (4): 9-18, ago./dez. 2010.

_____. *Ortega y Gasset e a vida autêntica*. Revista Hacer. Sevilla: Universidad de Sevilla, 5: 107-125, 2014 (2).

_____. *Universidade e vida autêntica, segundo Ortega y Gasset*. Argumentos. Fortaleza, 6 (11): 228-241, jan./jun de 2014.

CARVALHO, José Maurício de e BESSA, Vanessa da Costa. *Totalitarismo e ética em Ortega y Gasset*. in: CARVALHO, José Maurício de (org.). *Poder e moralidade; o totalitarismo e outras experiências antiliberais na modernidade*. São Paulo: Annablume, 2012.

| | | |
|---|---------------------------|------------------------------|
| Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo | Número XI Jan-jun 2015 | Trabalho 02 Páginas 19-38 |
| http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura | periodicoscesg@gmail.com | |

- CARVALHO, José Mauricio de, PACKTER, Lúcio e RASTROJO, José Barrientos. *Introducción a la Filosofía Aplicada y a la Filosofía Clínica*. Madrid: ACCI, 2014.
- CASCALÉS, Charles. *L'Humanisme d'Ortega y Gasset*. Paris: Presses Universitaires de France, 1957.
- DROGUETT, Juan Guillermo. *Ortega y Gasset; uma crítica da razão pedagógica*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- ENGUITA, José Emílio Esteban. *Idea y reforma de la Universidad: José Ortega y Gasset, Manuel García Morente y Jaime Benítez*. Revista de Estudios Orteguianos. Madrid: Fundación Ortega y Gasset, n. 30, 2015.
- GONÇALVES JÚNIOR, Arlindo Ferreira. *Filosofia moral contemporânea; a contribuição dos herdeiros de Ortega*. Aparecida: Ideias e Letras, 2012.
- JASPERS, Karl. *Iniciação Filosófica*. Lisboa: Guimarães, 1987.
- LAVEDÁN, María Isabel Ferreiro. *La docilidad de las masas en la teoría social de Ortega y Gasset*. Revista de Estudios Orteguianos. Madrid: Fundación Ortega y Gasset, n. 2, 2001.
- LEDESMA, Felipe. *El mal radical. Notas sobre La rebelión de las masas*. Revista de Estudios Orteguianos. Madrid: Fundación Ortega y Gasset, n. 2, 2001.
- MARÍAS, Julián. *Acerca de Ortega*. Madrid: Espasa Calpe, 1991.
- _____. *História da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- ORTEGA Y GASSET, José. *Meditaciones del Quijote. Obras Completas. v. I, 2. ed.*, Madrid: Alianza, 1994.
- _____. *La Rebelión de las masas. Obras Completas. v. IV, 2. ed.*, Madrid: Alianza, 1994.
- _____. *El tema de nuestro tiempo. Obras Completas. v. III, 2. ed.*, Madrid: Alianza, 1997.
- _____. *La idea de principio en Leibniz y la evolución de la teoría deductiva. Obras Completas. v. VIII, 2. ed.*, Madrid: Alianza, 1994.

| | | |
|---|---------------------------|------------------------------|
| Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo | Número XI Jan-jun 2015 | Trabalho 02 Páginas 19-38 |
| http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura | periodicoscesg@gmail.com | |

_____. *Misión de la Universidad*. Obras Completas. v. IV, 2. ed., Madrid: Alianza, 1994.

_____. *Pidiendo un Goethe desde dentro*. Obras Completas. v. IV, 2. ed., Madrid: Alianza, 1994.

_____. *Qué es filosofía?* Obras Completas. v. IV, 2. ed., Madrid: Alianza, 1994.

_____. *Revés de Almanaque (El Espectador - VIII)*. Obras Completas. v. II, 2. ed., Madrid: Alianza, 1994.

PADORNO, Margarita Márquez. *Misión de la Universidad al servicio de la necesidad pública*. Revista de Estudios Orteguianos. Madrid: Fundación Ortega y Gasset, n. 2, 2001.

PEREIRA, Rosilene de Oliveira e PEREIRA, Regina Coeli Barbosa. *Ortega y Gasset*. In: PEREIRA, Rosilene de Oliveira e PEREIRA, Regina Coeli Barbosa Cortes Guimarães e os fundamentos da filosofia e da fenomenologia jurídica. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2015.

ROCKWELL, Gray. *José Ortega y Gasset, el imperativo de la modernidad*. Madrid: Espasa Calpe, 1994.

ROTHEN, José Carlos. *A Universidade e sua missão segundo José Ortega y Gasset*. In: ARAÚJO, José Carlos S. *A Universidade iluminista*. v. II. Brasília: Liberlivro, 2011.

SALMAN, D. H. *O lugar da Filosofia na Universidade*. Petrópolis: Vozes, 1973.

TOMAZ, M. S. de C.; CARVALHO, J. M. de. *Misión de la Universidad*. Nova Águia. Portugal: Zéfiro, 2014. p. 256 – 258.

| | | |
|---|---------------------------|------------------------------|
| Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo | Número XI Jan-jun 2015 | Trabalho 02 Páginas 19-38 |
| http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura | periodicoscesg@gmail.com | |